
ARTIGO

ELISÉE RECLUS, GEOGRAFIA E ANARQUISMO: Visões Da Revolução

Regina Horta Duarte

O artigo aborda o imaginário sobre a Revolução social presente na obra do geógrafo e militante anarquista Elisée Reclus (1830-1905). A partir da análise de suas obras científicas sobre concepções libertárias de luta e transformação sociais eram intimamente ligadas a uma visão evolucionista do Universo. Desta forma, o artigo busca mostrar como o pensamento do anarquista do século XIX esteve ligado ao cientificismo evolucionista muito em voga nesta mesma época.

I - A ERUPÇÃO DO ETNA

Após vários discretos sinais de atividade, o monte Etna, situado na Sicília, entrou em erupção na noite de 30 de janeiro de 1865. Além da catástrofe causada na região circunvizinha, o evento despertou várias impressões nas pessoas que foram informadas pelos jornais: horror da violência das lavas, piedade em relação às vítimas e curiosidade científica.

Elisée Reclus (1830-1905), geógrafo francês conhecido internacionalmente na época, talvez tenha compartilhado do sentimento de solidariedade aos habitantes da área atingida. Porém entendeu que, frente a tais tragédias, o melhor que o

homem poderia fazer seria utilizar a ciência para tentar evitá-las. Acreditava que "para triunfar sobre a natureza, a primeira condição é conhecê-la."¹

Imbuído dessa esperança, Reclus viajou imediatamente para o local, com o intuito de contribuir para os avanços da ciência, que já fizera muito "para adaptar a terra à estadia do homem e preparar a 'Idade do Ouro' sonhada pelos poetas." Assim, talvez um dia fosse possível ao homem "contemplar o grande espetáculo das explosões vulcânicas com um sentimento de segurança semelhante àquele que experimentamos frente a uma catarata que se precipita."²

A partir das observações feitas diariamente no local, Reclus escreveu um minucioso artigo na *Revue des Deux Mondes*. Nele, detalhou o desenvolvimento da erupção, buscando situá-la dentro do conjunto de explosões do Etna, percebendo-a não como um fato isolado mas como um momento de uma evolução há muito em andamento.

O interesse pelo que o próprio Reclus denomina "forças telúricas"³ não foi expresso pela primeira vez no artigo acima citado. No início de 1865, o geógrafo publicou um trabalho resultante de seus estudos relacionados aos terremotos.⁴ Debruçando-se sobre o tema, ele conclui que a imagem do solo terrestre como imóvel e imutável é falsa: ao contrário do que possa indicar o senso comum, a superfície do planeta encontra-se em estado de oscilação constante. Tais transformações tornam-se facilmente visíveis através dos terremotos. Nenhum fenômeno é avaliado isoladamente, mas dentro de um amplo processo: "tudo

1- ECLUS, Elisée. Le Mont Etna - L'éruption de 1865. *Revue des Deux Mondes*. Juillet-Août/1865. Tome LXIII, Paris, XXXV^e année, p. 138.

2- Idem.

3- A tendência a valorizar esta área de estudo crescerá no decorrer da obra de Reclus: "podemos reconhecer o elo íntimo que liga a sucessão dos fatos humanos à ação das forças telúricas: permite-nos perseguir, através dos tempos, cada período da vida dos povos correspondentes às mudanças dos meios, observar a ação combinada da Natureza e do próprio Homem, atuando sobre a terra que o formou". RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*. Paris, Librairie Universelle, 1905. vol. 1, p. II.

4- RECLUS, E. Les Oscillations du Sol Terrestre. *Revue des Deux Mondes*. Janvier-Février/1865. Tome LV, Paris, XXXV^e année, pp. 57 a 84.

muda, tudo é móvel no universo, pois o movimento é a condição por excelência da vida."⁵

II - ELISÉE RECLUS E AS FORÇAS TELÚRICAS

A insistência de Reclus sobre as forças telúricas nessa época é instigante. Principalmente pelo fato de que, como tentaremos mostrar no decorrer do artigo, esta é uma questão que vai retomar em outras obras. Antes, porém, de discutir o momento em que Reclus se dedicou a tais estudos, é interessante esboçar sua trajetória.⁶

Nascido em 1830, numa pequena cidade francesa, Sainte-Foy-la-Grande, Reclus foi criado pelo pai para também seguir a carreira de um pastor calvinista. Mas, ainda adolescente, foi expulso de um curso de teologia protestante por defender idéias republicanas. Havia se iniciado nos estudos de Geografia, em Berlim, quando foi às pressas para a França, dada a iminência do golpe de Luís Napoleão, em 1851.

Elisée Reclus participou de um episódio, em Ortez, no qual vários jovens tentaram impedir o apoio da guarda local ao Imperador. Após a vitória de Luís Napoleão, fugiu e viajou pela Inglaterra, pelos EUA e por alguns países da América Latina, fazendo anotações sobre Geografia. Em 1857, voltou à França. Seus trabalhos alcançaram grande êxito e, em 1862, foi convidado a ingressar em importante comunidade científica, a Sociedade Geográfica de Paris.

No decorrer de suas viagens, Reclus teve suas convicções protestantes e republicanas abaladas. Ao retornar, aproximou-se dos meios socialistas, passando a ter contato com inúmeros militantes de movimentos rebeldes. Em 1864, conheceu importante revolucionário, cuja atuação era motivo de forte polêmica em toda a Europa: o russo Mikhail Bakunin. Eles se encontraram em Paris. As notícias sobre essa figura fascinante e suas ações ousadas despertavam o interesse do geógrafo, antes mesmo do encontro.

5- RECLUS, E. *Les Oscillations du Sol Terrestre*. *Revue des Deux Mondes*. Janvier-Février/1865. Tome LV, Paris, XXXV^e année, p. 84.

6- Sobre a vida e obra de Elisée Reclus, consultar: ANDRADE, Manuel Correia de. *Elisée Reclus*. São Paulo, Ática, 1865; GIBLIN, Beátrice. *Elisée Reclus (1830-1905)*. Herodote. 22:6-13, Juillet-Septembre/1981; GIBLIN, Beátrice. *Reclus: um ecologista avant l'heure?* Herodote, 22:107-111, Juillet-Septembre, 1981.

Bakunin passou longos anos na prisão por suas atividades no agitado ano de 1848, quando participou das revoltas ocorridas em Paris, e em 1849, integrando-se ao movimento pela unificação da Alemanha, deflagrado em Dresden. Foi preso e mandado para a Fortaleza de Pedro e Paulo na Rússia. A forma como enfrentou a severa punição tornou-se um exemplo para os rebeldes de então.

Kropotkin, também geógrafo, um dos principais teóricos de anarquismo, foi um dos que tomaram Mikhail Bakunin como modelo. Na década de 1870, Kropotkin também foi detido naquela fortaleza. Segundo conta em suas memórias, animava-se ao saber que Bakunin ali havia passado oito anos e, no entanto, ao ser libertado, "estava mais disposto e mais forte do que seus camaradas que continuavam em liberdade."⁷ Para Kropotkin, lembrar-se da resistência de Bakunin significava uma esperança.

Realmente, ao sair da prisão, Bakunin reiniciou com vigor suas atividades: voltando à Europa, envolveu-se nas insurreições dos povos eslavos e perambulou por vários países, sempre associando-se a movimentos revolucionários.⁸

A amizade entre Elisée Reclus e Bakunin durou até a morte do segundo, em 1876, sendo que o primeiro e seu irmão, Elie Reclus, entraram para a sociedade secreta "Fraternidade Internacional Revolucionária", fundada pelo próprio Bakunin, que considerava os dois irmãos como amigos dos mais íntimos, "dois sábios e, ao mesmo tempo (...), os homens mais religiosamente devotados a seus princípios que já encontrara na vida."⁹ Elisée Reclus, por sua vez, deve ter se sentido extremamente impressionado, pois sua obra tem marcas da paixão destruidora presente nas palavras do rebelde russo.

É interessante relacionar as concepções revolucionárias de Bakunin com a curiosidade experimentada pelo geógrafo francês por vulcões e terremotos. Bakunin via a revolta como uma necessidade humana, sendo que os gestos destruidores tinham valor em si mesmos, já que possibilitam o empreendimento da

7- KROPTKIN, P. *Em torno de uma Vida - memórias de um revolucionário*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1946, p. 326.

8- WILSON, E. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo, Cia. das Letras, 1986, pp. 256 e segs.

9- BAKUNIN, M. citado por Max Nettlau. *Note au sujet des rapports d'Elisée Reclus avec Bakounine*, In-Reclus, E. *Correspondance*. Tome II (1870-1899), Paris, Librairie Schleicher Frère, 1911, p. 166.

reconstrução. Seus ideais eram povoados de imagens avassaladoras. Sonhava com "toda a Europa, incluindo São Petersburgo, Paris e Londres, transformada num imenso monte de escombros."¹⁰

Reclus deixou-se influenciar pelo discurso arrasador do amigo. As forças telúricas estudadas produziam exatamente as cenas tão sonhadas por Bakunin, para quem "o desejo de destruir é também um desejo criativo."¹¹ Certamente, as publicações feitas em 1865 não podem ser avaliadas sem a consideração de que, um ano antes, Reclus havia conhecido Bakunin. É a partir dessa época, também, que o geógrafo passou a declarar-se um convicto anarquista. Passou também a lutar por demolir o Estado, os governos, as nações e as Igrejas.

A indissociabilidade entre a obra científica de Reclus e suas idéias libertárias aparece claramente nas imagens presentes nos dois artigos da *Revue des Deux Mondes*. Preocupado em relacionar o desenvolvimento das sociedades humanas com a ação das forças telúricas, ele mostra que a evolução do planeta não se dá sem momentos de grande ruptura.

Sob uma superfície aparentemente calma e estável, muitas vezes deslizam as camadas internas do solo. Após um período de lenta evolução desse interior, chega o momento da revolução. Os terremotos e vulcões revelam o ápice dos movimentos que se iniciaram há séculos, imperceptíveis, subterrâneos, mas causadores de uma catástrofe inexorável, após a qual a superfície passa a ter uma nova configuração.

Professando a íntima ligação entre a História e a Geografia, Reclus afirma, em outras partes de sua obra, que "a Geografia não é outra coisa que a História no Espaço."¹² Assim como a Terra pode ser estudada na sua evolução, o homem pode ser observado numa sucessão de fases. Na História, a evolução das instituições sociais e dos próprios homens é lenta, gradual e, muitas vezes, insignificante aos olhos dos contemporâneos.

Com isso, alguns vulcões sociais aparecem extintos, aplacados. Entretanto, os movimentos revolucionários explodem, provando o contrário e trazendo, como consequência, radicais transformações. Reclus viu a época em que viveu como

10- BAKUNIN, M. citado por WILSON, E., op. cit., p. 256.

11- Idem, p. 256.

12- RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*, op. cit., p. 7.

momento de proximidade de uma revolução, conseqüente de um evoluir de séculos: "Uma luta contínua, incessante, que começou na selva, para os homens primitivos, há milhões de anos."¹³, e que só vitórias parciais conseguira até então, estava prestes à originar uma situação revolucionária que levaria a humanidade a uma fase culminante do progredir social: a revolução, em que se combateria pela vitória da anarquia como meio de organização dos grupos humanos.

Essa percepção evolucionista da realidade, expressa já em 1865, foi desenvolvida por Reclus em *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, publicado na França em 1897, pela primeira vez. Em seu único livro específico sobre anarquismo, Reclus aponta os sinais que julgava prenunciarem uma grande explosão social. O surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864, os eventos da Comuna de Paris, em 1871, e a fundação da Federação Jurassiana, organização formada pelos mais destacados anarquistas da Europa, também em 1871, são acontecimentos ressaltados pelo geógrafo libertário. Também a crescente conscientização dos trabalhadores é valorizada.

A partir dessas observações,

*"confrontando todos os fatos da vida contemporânea, (...) verifica-se (...) que a evolução diária nos aproxima constantemente desse conjunto de transformações pacíficas ou violentas, que antecipadamente chamamos 'revolução social'."*¹⁴

Em 1865, Reclus provavelmente lamentou não ter chegado ao local da erupção do Etna no momento exato da primeira explosão. Porém, estava participando ativamente de todas as manifestações revolucionárias da França, com o intuito de acompanhar a revolução social, que julgava próxima, em todas as suas fases.

III - A SEDUÇÃO CIENTIFICISTA

A associação entre análises sociais e explicações científicas de fenômenos naturais é marcante característica do conjunto da obra de Elisée Reclus. O exemplo

13- RECLUS, E. *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*. São Paulo, La Tribuna Española, 1904, p. 88.

14- RECLUS, E. *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, op. cit., p. 119.

da imagem do vulcão é, certamente, um dos muitos que podem ser destacados de seus artigos e livros.

O geógrafo francês não foi, entretanto, o único pensador do século XIX que uniu aqueles dois aspectos em suas reflexões. Como poderemos constatar, a obsessão pela ciência esteve presente em relevantes debates daquele século.

Segundo o historiador contemporâneo Jacques Le Goff, duas palavras assumiram significado mágico naquela época: Progresso e Ciência.¹⁵ Também Eric Hobsbawn destaca verdadeira subordinação à ciência entre os homens do século XIX. Assim, os homens impressionavam-se com as suas próprias conquistas. O evolucionismo tornou-se fonte de inspiração para todos os ramos do conhecimento, a partir da divulgação das teorias de Darwin. A descoberta de leis universais passou a ser a preocupação dos estudiosos das mais variadas áreas. As chamadas "ciências sociais", na ânsia de se afirmarem, adotaram paradigmas das ciências naturais, para a compreensão do homem e da sociedade. O avanço do conhecimento "parecia, como o das ferrovias, oferecer a perspectiva da colocação de mais trilhos do mesmo tipo em novos territórios."¹⁶

A preocupação com a elaboração de um método científico sociológico pode ser facilmente avaliada por meio de Auguste Comte, o "aristocrata intelectual do progresso."¹⁷ Na sua aula inaugural do Curso de Filosofia Positiva, afirmou que os fenômenos químicos, astronômicos, físicos e fisiológicos já vinham sendo estudados a partir do desvendamento de suas leis gerais. Constatava, porém, a grande lacuna relativa aos fenômenos sociais: para que se completasse o grande sistema das ciências de observação, restava fundar a física social.¹⁸ Comte expressava também a sua convicção no início de uma nova fase da evolução da humanidade. O 'Estado Positivo' seria essa etapa, na qual predominaria a Razão.

15- LE GOFF, Jacques. Progresso/Reação. In: Enciclopédia Einaudi Memória/História. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 353.

16- HOBBSBAWN, Eric. Ciência, Religião, Ideologia. In: A Era do Capital (1848-1875). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 265.

17- LE GOFF, Jacques. Progresso/Reação. In: Enciclopédia Einaudi Memória/História. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 353.

18- COMTE, Auguste. Curso de Filosofia Positiva. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1983, p. 9.

Se as idéias de Comte assumiram aspecto conservador no que diz respeito às lutas sociais, muitos pensadores socialistas também insistiram no caráter científico das próprias teorias. As "palavras mágicas", citadas por Jacques Le Goff, permeiam as obras de Robert Owen (que fundou os 'Falanstérios do Progresso'), de Saint-Simon (para quem a perfeição da ordem social viria com os avanços científicos), de Louis Blanc (que fundou, em 1839, a *Revue du Progrès*) e de Karl Marx.

É inegável que Marx buscou fundamentar seus trabalhos na elaboração de uma teoria geral da sociedade. Podemos salientar alguns elementos que mostram essa intenção marxista, como a descoberta de leis genéricas (apontamento da luta de classes como o motor da história) e a criação de um modelo explicativo (implícito no conceito de modo de produção e na distinção entre infra e superestrutura).

A obsessão científicista do século XIX não se encontra apenas nas ciências sociais. Também na literatura há indicações desse fascículo.

Emile Zola, discorrendo sobre a escola naturalista, afirmava que essa vinha sendo esboçada desde Diderot, que rompera com o classicismo e com a noção de homem metafísico, substituindo-a por uma visão de homem fisiológico e dominado pelo meio. Dos seguidores dessa linha inaugurada por Diderot citam-se Stendhal, Balzac e Flaubert. Após tal evolução, o naturalismo chegara a um estágio onde havia sido sistematizado "o emprego, nas letras, dos métodos científicos de observação e experimentação."¹⁹

É interessante ressaltar que Zola (1840-1902), contemporâneo e compatriota de E. Reclus, sempre compartilhou idéias e lutas com os meios socialistas e anarquistas europeus. Sua obra *Germinal* tornou-se leitura quase obrigatória para os militantes libertários.

Também entre os geógrafos encontramos a adesão ao científicismo. Dois nomes são habitualmente citados por seu pioneirismo na ordenação de um método de conhecimento. Alexander von Humboldt e Karl Ritter, ambos alemães, difundiram idéias que marcaram toda uma geração de estudantes. Defendiam o contato direto como o objeto de exame para possibilitar a observação. Adotavam técnicas para controle do material analisado, com base nas utilizadas pelas ciências

19- ZOLA, E. *Le Naturalisme*. In: *Les Oeuvres Complètes de Émile Zola*. Vol. III. Paris, François Bernouard, 1928, p. 106.

naturais. Pressupunham que o controle dos fatos e processos humanos era realizado pelas condições físicas e, como consequência, buscavam a apreensão das leis que regeriam esses fenômenos.²⁰

Elisée Reclus foi aluno de Ritter, em 1851, em Berlim. Não foi apenas o período de aprendizado com esse mestre que influenciou as idéias do geógrafo francês acerca do processo de conhecimento científico. Constantes viagens e contatos com pessoas dos mais diversos países europeus, desde a adolescência, enriqueceram sua experiência e envolvimento com o verdadeiro fervor racionalista que agitava os meios intelectuais de então.

IV - SABER E REBELDIA

O conjunto da obra de Elisée Reclus traz consigo uma perspectiva extremamente otimista das possibilidades abertas pelo saber científico. Vivendo "no século do vapor, da imprensa" e de "incessante e febril atividade"²¹, o geógrafo propôs-se a empreender a vastíssima *Nouvelle Géographie Universelle*. A importância da obra deveria ser dimensionada considerando-se "os progressos consideráveis que foram estabelecidos recentemente e que não cessam de se estabelecer dentro da conquista científica do planeta."²² Diante de um outro mundo que surgia, de uma promissora etapa da história da humanidade que estava prestes a iniciar-se, novos livros deveriam surgir.

O intento de Reclus era fugir de uma geografia tradicional e descritiva. Assim, avisa, logo no prefácio, que a citação das longitudes e latitudes assim como a enumeração das vilas, divisões políticas e administrativas ocupam um espaço secundário nas páginas dos dezenove volumes escritos.

A *Nouvelle Géographie Universelle* orienta-se por uma visão crítica da geografia e pela preocupação do estudo das relações entre o homem e o meio ambiente. A ênfase exclusiva na forma dos continentes ou dos relevos leva, segundo o autor, à perda da possibilidade de se avaliar a ação dos homens sobre a

20- Ver, a esse respeito: AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A Evolução do Pensamento Geográfico e suas Consequências sobre o Ensino da Geografia. In: *Revista Geográfica e Ensino*. 1(1): 5-18, março de 1982.

21- RECLUS, E. *Nouvelle Géographie Universelle*. 1º vol., Paris, Librairie Hachette et Cie, 1876. p. 2.

22- RECLUS, E. *Nouvelle Géographie Universelle*, op. cit., p. 1.

natureza. Um rio pode ser um obstáculo para uma população não civilizada, representar uma via de trocas para uma tribo mais desenvolvida ou ser transformado num canal de irrigação com o qual o homem regula o curso segundo sua vontade.²³

Posteriormente, em *L'Homme et la Terre*, pode-se detectar o mesmo conhecimento de confiança em relação aos caminhos abertos pelo saber científico. A ilustração que acompanha o prefácio consiste num globo terrestre amparado por duas mãos. Logo abaixo, pode-se ler: "O homem é a natureza adquirindo consciência de si própria". Com isso, se as primeiras coletividades tinham a sobrevivência constantemente ameaçada pelos obstáculos naturais, o progresso e a civilização, frutos do trabalho, permitem ao homem utilizar a natureza em seu favor.

Reclus desejava estabelecer analogia entre a evolução do homem e a do planeta. A partir da análise desse movimento, três tendências universais são identificadas. Em primeiro lugar, as sociedades humanas dividem-se em classes ou castas diferentes e com interesses antagônicos. Em segundo lugar, as injustiças que surgem dessa desigualdade levam a lutas e guerras civis que muitas vezes chegam a gerar profundas transformações. Por último, essas modificações das instituições sociais não são inexoráveis, nem fatalmente determinadas: é a vontade humana que as possibilita.²⁴

Elisée Reclus deslumbrou-se com as palavras mágicas que enfeitiçaram seu século. Da mesma forma que outros, buscou apontar leis gerais para a compreensão da sociedade (as três tendências citadas acima são consideradas como leis, pela sua constância).²⁵ Entretanto negou o determinismo. Sua própria obra é uma negação do cientificismo cego: através dela, vê-se como pôde elaborar uma teoria que ultrapassa o positivismo de seu tempo, afirmando que o homem é o criador de sua história e de seu meio ambiente.

É a liberdade humana que reverte, na opinião do geógrafo, todo o progresso em prol de uma sociedade justa. A ciência social permite aos operários do século

23- Ibidem, p. 2. Como vimos anteriormente, Reclus esperava que os vulcões deixassem de representar um perigo para a humanidade e se transformassem numa espécie de atração. Ver a nota n. 2 deste artigo.

24- RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*. Vol I. Paris, Librairie Universelle, 1905, p. II e IV.

25- Ibidem, p. IV.

XIX compreender as causas da servidão e dos meios de emancipação. O espírito de reivindicação penetra na massa dos deserdados. Aproxima-se o momento em que os oprimidos se levantarão por seu próprio esforço, os espoliados retomarão a riqueza e os escravos reconquistarão a liberdade.²⁶

Citando Vico - que havia decomposto a História em três momentos (Deuses, Heróis e Homens) - o geógrafo alerta os leitores de que "há quem gostaria de nos manter à força em uma ou outra das idades já passadas". Entretanto, avisa com grande esperança: "entramos resolutamente na idade dos Homens". Para Reclus, terminou a idade do Acaso. Inicia-se a idade da Razão e da Ciência.²⁷

A partir dessas considerações, é fácil perceber que as concepções epistemológicas de E. Reclus baseiam-se numa apropriação rebelde da noção de ciência. O saber deve servir, antes de tudo, à construção de uma sociedade anárquica.

V - O EVOLUCIONISMO AO AVESSO

Há outros pontos importantes da obra do geógrafo que evidenciam suas posições libertárias. O evolucionismo é um deles: vimos como os fenômenos telúricos e as transformações sociais eram apresentadas paralelamente. Em outro momento, Reclus afirma que o socialismo e o darwinismo haviam entrado, simultaneamente, em cena no mundo e na ciência. Essas duas tendências revolucionárias estão, segundo ele, "perfeitamente conciliadas."²⁸

As teorias evolucionistas de Darwin foram importantemente recriadas no pensamento de Reclus. As explicações acerca da seleção das espécies, em geral, são utilizadas para explicar o sucesso da burguesia e a situação de miséria do proletariado. Nessa linha de raciocínio, os benefícios adquiridos por uma minoria privilegiada são explicáveis pela sua superioridade. Pode-se citar o caso do geógrafo F. Ratzel, contemporâneo de Reclus e, como ele, ex-aluno de K. Ritter.

26- RECLUS, E. *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*, op cit., pp. 27, 73 e 111.

27- Idem, *L'Homme et la Terre*, vol I, p. 353.

28- RECLUS, E. *L'Homme et la Terre*, vol. VI, p. 431.

Para Ratzel, assim como a natureza reserva a sobrevivência aos mais hábeis, a vida em sociedade assiste ao predomínio dos mais aptos.²⁹

Comemorando a doutrina evolucionista como uma das mais importantes descobertas do século, Reclus virou-a ao avesso. Para ele, o aprimoramento crescente da raça e da civilização humana não se dá pela competição, nem pela concorrência. Pelo contrário, são estes os obstáculos que impedem a construção de um sistema social definitivo. O que possibilita ao ser humano destacar-se de todos os outros é a capacidade para a vida em sociedade e para o apoio mútuo.

Em *L'Homme et la Terre*, E. Reclus realiza um velho sonho: estudar, isento de qualquer censura ideológica (como havia ocorrido com a *Nouvelle Géographie Universelle*), a trajetória da humanidade desde os seus primórdios.

Ao terminar a *Nouvelle Géographie*, Reclus havia reconhecido sua frustração em não ter abordado o processo evolutivo da sociedade. Prometia, porém, dedicar-se ao tema num trabalho futuro, a ser escrito prazerosamente. Nele desenvolveria a idéia geral que percorria "a longa série de livros sem conclusão aparente" que havia empreendido. Recusava-se a acreditar que a humanidade fosse uma "massa cega e caótica, agitando-se ao acaso, sem objetivo, sem ideal realizável, sem a consciência de seu destino."³⁰

A epígrafe do primeiro capítulo de *L'Homme et la Terre* exprime a intenção do conjunto da obra: "a sucessão das idades é, para nós, a grande escola". No desfile de povos, raças e épocas focalizadas, tenta-se provar que, em todos os momentos, os maiores progressos foram possibilitados pela união e colaboração. Os empecilhos são identificados nas guerras e na exploração por minorias dominantes.

A visão do geógrafo sobre a evolução está plenamente imbricada nas suas concepções anarquistas. Para os libertários, o apoio mútuo é o fator essencial do desenvolvimento humano e será a base da sociedade anárquica. No século XIX, acreditava-se que os grandes entraves para a plena utilização da técnica e dos avanços científicos em prol de todos consistiam nos privilégios mantidos pela burguesia parasita. Numa sociedade anárquica, conquistada pela união dos

29- Ver ANDRADE, M. Correia de. Op. cit., p. 9.

30- RECLUS, E. *Nouvelle Géographie...*, vol. XIX, p. 795.

oprimidos de todo o mundo, esse progresso seria apropriado e, por sua vez, estendido enormemente em seus limites pela inclusão do fator solidariedade.³¹

Se a concepção de ciência de Reclus traz em si os sinais de suas idéias anarquistas, seu conceito de evolucionismo torna ainda mais evidente sua condição de revolucionário.

VI - INTERNACIONALISMO E REVOLUÇÃO

Ao examinar o imperialismo, Reclus novamente deixa transparecer seus ideais. Logo nas primeiras páginas de *Nouvelle Géographie*, trai a exigência de seu editor de que os temas políticos fossem excluídos. O representante da Hachette enfatizava que apenas o geógrafo, e não o anarquista, havia sido contratado.³²

Disparando contra o nacionalismo e o sentimento de superioridade de alguns povos, Reclus afirma que a ciência dos homens não pode ser realizada com sucesso sem que se abandonassem "todos os sentimentos de desprezo, de ódio, de furor que ainda dividem os povos". No futuro, através dos contatos incessantes entre povos e raças, os homens viverão em plena colaboração: cada região fornecerá sua parte de riqueza. Sobre a terra, a civilização encontrará "o seu centro por toda a parte, sua circunferência em lugar algum."³³ Podemos, sem sombra de dúvida, substituir o termo circunferência por fronteira e desvendar o alcance dessa última afirmação: ela se refere à esperança e à luta por uma sociedade sem Estado, sem guerras e rivalidades entre países.

A obra de Reclus difere da de seus colegas de profissão, que edificavam justificativas para o imperialismo. Ratzel, citado anteriormente, é nosso exemplo, mais uma vez. Enfatizando o estudo das fronteiras entre os países, defende o direito de os Estados alargarem seus limites para ampliar seu poder e, obviamente, dominar outros povos.³⁴ Dois discípulos de um mesmo mestre (K. Ritter) levaram os ensinamentos recebidos a direções opostas. Mais uma vez, Reclus dá provas de sua teoria acerca da liberdade de criação humana.

31- Ver, a esse respeito, KROPOTKIN, P. *El apoyo mutuo como factor de progreso entre los animales y los hombres*. Buenos Aires, Editorial América, 1946.

32- ANDRADE, M.C. de. Op. cit., p. 14.

33- RECLUS, E. *Nouvelle Géographie...*, vol. I, p. 7.

34- Ver ANDRADE, M.C. de. Op. cit., p. 9.

Associando vulcões e revolução, saber científico e lutas políticas, evolução e solidariedade e, finalmente, estudo dos povos e necessidade do fim do Estado, Reclus mostra que, mesmo em momentos de censura, a obra de um intelectual nunca é neutra ou descomprometida. Como afirma o filósofo Cornelius Castoriadis, "não existe lugar e ponto de vista exterior à história e à sociedade (...). Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história."³⁵ Quem fala, enuncia seu discurso de algum lugar e por seus próprios motivos. Talvez tenha sido uma falsa imagem do cientista neutro e imparcial, situado num local de onde pudesse "observar" o real em sua totalidade, o que levou o editor da Hachette a contratar o geógrafo, afirmando que não aceitaria o anarquista. Felizmente, as próprias análises de Reclus revelam que isso foi impossível.

VII - RECLUS E OS ANARQUISTAS BRASILEIROS

Entre os anarquistas, a obra de Reclus foi amplamente divulgada. No Brasil, a obra *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista* foi traduzida e publicada em 1905. O livro, vendido pelo correio, era um dos mais utilizados na propaganda libertária: jornais como *A Terra Livre*, *A Plebe* e *A Lanterna*, todos de São Paulo, anunciavam a venda por preços módicos. Mesmo em Minas Gerais, *A Nova Era*, jornal fundado pelo anarquista mineiro Avelino Fóscolo, aconselhava a leitura do livro. Porém, os anarquistas não liam apenas essa parte da extensa obra de Reclus; *L'Homme et la Terre* é também constantemente anunciado, sendo mais vendido na tradução espanhola.³⁶

Os anarquistas sempre valorizaram a obra geográfica de Elisée Reclus como parte integrante de sua militância, percebendo que era impossível dissociar esses dois aspectos. Nos tempos que correm, quando os geógrafos redescobrem esse cientista, é essencial que suas atividades como revolucionário sejam destacadas. Principalmente pela certeza que podemos ter, através dos próprios escritos de Reclus, de que sua intenção era construir uma Geografia revolucionária e

35- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 13.

36- Ver: *A Terra Livre*. São Paulo, 16-12-1905, ano 1, n. 1, p. 4 e 22-03-1910, ano 4, n. 70, p. 3; *A Plebe*. São Paulo, 16-03-1922, ano 5, n. 200, p. 4; *A Lanterna*. São Paulo, 11-04-1914, ano 3, n. 238, p. 4; *A Nova Era*. Taboleiro Grande (MG), 06-08-1906, Ano 1, n. 2, P. 1.

inovadora, condizente com as renovações que deveriam surgir dos escombros do velho mundo. Caberia à grande revolução anarquista reduzir a sociedade burguesa a cinzas. O mito da Fênix surge aqui com sua força máxima de esperança.